



REVISTA

Cadernos de Educação

FaE | PPGE | UFPel

ARTIGO | Fluxo contínuo (RESENHA)

Um convite para pensar a atualidade do moderno

An invitation to think about modern times

*Una invitación a pensar en los tiempos modernos*Jacir Silvio Sanson Junior
Samuel Mendonça

RESUMO

Este estudo é uma resenha crítica do livro “História da Filosofia Moderna”, de autoria de Rogério Miranda de Almeida. Utilizando o método de pesquisa bibliográfica, argumentamos que a obra não se atém a uma recapitulação de ideias filosóficas contextualizadas em um determinado período histórico, mas propõe um debate sobre o sentido e alcance do próprio *modernus*, instigando a pensar a relevância atual de conceitos e perspectivas datados de outros tempos e situados em outras circunstâncias culturais.

Palavras-chave: educação; filosofia; modernidade.

ABSTRACT

This study is a critical review of the book “História da Filosofia Moderna”, by Rogério Miranda de Almeida. Using the bibliographical research method, we argue that the work does not limit itself to a recapitulation of philosophical ideas contextualized in a certain historical period, but it proposes a debate about the meaning and scope of *modernus*, instigating us to think about the current relevance of concepts and perspectives from other times and situated in other cultural circumstances.

Keywords: education; philosophy; modernity.

RESUMEN

Este estudio es una reseña crítica del libro “História da Filosofia Moderna”, de Rogério Miranda de Almeida. Utilizando el método de investigación bibliográfica, sostenemos que el trabajo no se limita a una recapitulación de ideas filosóficas contextualizadas en un determinado período histórico, sino que propone un debate sobre el significado y alcances del *modernus*, instigándonos a pensar en la

relevancia actual de conceptos y perspectivas de otras épocas y situados en otras circunstancias culturales.

Palabras-clave: educación; filosofía; modernidad.

História da Filosofia Moderna é, certamente, não apenas um livro de recapitulação de ideias filosóficas contextualizadas em um determinado período histórico. Seu objetivo maior é compreender, filosoficamente, a história moderna ocidental, ou ainda, entender a modernidade a partir da reflexão filosófica que nela emergiu. Onde a modernidade começou e se ela permanece inacabada são questões que o estudante enfrenta durante a leitura e as levará consigo após seu término, notadamente, em um lugar diferente de onde a iniciou.

Em vez de se perguntar sobre o que os filósofos modernos pensaram, Rogério Miranda de Almeida ensaia outro tipo de entrada, indagando sobre qual é a substância da modernidade, com que elementos filosóficos podemos contar para depurar a elaboração intelectual de uma época com o qualificativo de “moderna”. Trata-se de uma questão levantada com a propriedade de um doutor com formação integral em Filosofia e Teologia, de repertório acadêmico acumulado com atuações registradas na França, Estados Unidos, Itália e atualmente na cidade de Curitiba, Brasil, junto ao Centro Universitário Claretiano e à Faculdade São Basílio Magno (FASBAM), instituição responsável pela edição.

O autor opta por nomear os cinco capítulos de “unidades”. Valendo-se dessa estratégia, Almeida confere ao seu texto um formato de apostila, no sentido de que seus conteúdos foram selecionados não para serem retratados de forma sistemática ou exaustiva, e sim para fomentarem o pensamento crítico-reflexivo típico de um programa de estudo.

Eventuais aprofundamentos são projetados para outro lugar, reservados para um momento posterior. Mas o autor ressalta que se pautou em referências bibliográficas imprescindíveis ao debate filosófico, seja por acolher o trabalho de comentadores como Émile Bréhier, Lima Vaz, André Lalande etc., seja por ater-se ao propósito de examinar os elementos essenciais e conhecer as principais características dos pensadores evocados.

Convém observar que cada capítulo possui igual distribuição de itens, dando uniformidade ao seu plano redacional. O escrito se concentra nas “principais ideias dos filósofos” (ALMEIDA, 2021, p. 10), visitadas sobretudo de “maneira clara, acadêmica, técnica, evitando simultaneamente resvalar para temas demasiadamente específicos ou para uma terminologia [...] abstrusa e improfícua” (ALMEIDA, 2021, p. 10). Isso rendeu ao trabalho a qualidade de poder ser lido a qualquer pé, não sendo necessária nenhuma ordem sequencial para tratar de unidades (capítulos) que guardam bastante independência uma da outra. Os filósofos reunidos em cada uma delas são também introduzidos por uma breve seleção de informações biográficas e eventos históricos, trazendo informações de melhor contextualização.

A Unidade 1 expõe a Inglaterra de Bacon, Hobbes e Locke. Está claro que, considerando o projeto do livro, a simples apresentação do conceito baconiano de *idola* ou da expressão *tabula rasa* de Locke jamais seriam suficientes para demonstrar o que há realmente de “moderno” nessas elaborações. Ao contrário de se restringir àquilo que o termo “empirismo” remonta ao campo da Teoria do Conhecimento, a unidade se abre ao panorama intelectual que problematizava o conjunto da sociedade e de suas instituições fundadoras:

Se, portanto, nos planos político, ético e religioso, a Europa do século XVII foi marcada pelos movimentos desencadeados pela Reforma e a Contrarreforma, juntamente com as ideias de tolerância, de absolutismo, de direito natural, de religião natural e religião revelada, no plano epistemológico é a física que abria novos caminhos e novos horizontes, porquanto ela se tornara um estudo de ordem natural desprovido de finalidade e de hierarquizações essenciais (ALMEIDA, 2021, p. 16).

O objeto de análise de Almeida se concretiza na questão de como a modernidade se ergue, por exemplo, com a filosofia experimental de Bacon, com o direito natural de Hobbes, com a teoria do conhecimento e a doutrina da tolerância de Locke. Tudo isso poderia se constituir como finalidade de um estudo, mas torna-se meio para uma questão maior, a pergunta pela Modernidade, a qual se estende para a Unidade 2. Esta permanece no século XVII, todavia voltada para outro território: a França de Descartes e seus interlocutores Pascal, Gassendi e Malebranche.

Podemos inferir que, neste ponto, a sensibilidade teológica de Almeida se faz sentir especialmente na chave de leitura que ele utiliza para afirmar que a “filosofia na Europa em geral, e na França em particular, deve ser vista, no século XVII, a partir do pano de fundo religioso e de seus conflitos que marcaram o século anterior e o próprio século XVII” (ALMEIDA, 2021, p. 45). É claro que o autor não está postulando uma redução da Filosofia à história da Reforma protestante, mas indicando como a Reforma dispõe de pressupostos que só vemos formulados nas páginas da Filosofia Moderna, tais como um “novo modo de pensar e interpretar Deus, o mundo e o homem na sua subjetividade e liberdade” (ALMEIDA, 2021, p. 48).

Se essas palavras se aplicam a Descartes, também fazem eco ao conflito jansenista entre fé e razão, natureza e graça. Elas perpassam as aspirações do homem de Pascal, caniço pensante que se sabe finito, e corroboram com o fato de Gassendi admitir o caráter provisório, limitado e experimental do saber científico. De acordo com Almeida (2021, p. 63-64),

O que, do ponto de vista filosófico, marca o século XVII na França é a riqueza e a diversidade de suas correntes e das respectivas visões de seus pensadores. [...] de um lado, existiam os chamados *crentes* (católicos e protestantes) que, de resto, nada tinham em comum entre si – como Blaise Pascal, Pierre-Daniel Huët, Pierre Bayle –, e que insistiam sobre a fraqueza e os limites do espírito humano. De outro lado, havia as discussões teológicas que se faziam em torno da relação fé e razão ou, mais precisamente, da fé através da razão, desde, porém, que se renunciasse à metafísica e se concentrasse sobre a esfera experiência.

Almeida narra uma história da Filosofia Moderna marcada pela pluralidade de ideias e pelo tensionamento de visões de mundo que se reorganizavam diante de um elemento novo e objetivo, posicionado no confronto entre o dogmatismo e a revolução metodológica matemático-experimental, entre a metafísica clássico-escolástica e o mecanicismo epistemológico.

A Unidade 3 é preparada para enfatizar essa dinâmica discursiva, trazendo precisamente outros nomes certamente muito conhecidos do período, como são os de Spinoza, Leibniz, Berkeley e Hume. Moral e religião, conhecimento e natureza humana, liberdade e necessidade são temas que ganham expressão no esforço reflexivo tanto desses autores como daqueles

que dariam a fisionomia do Iluminismo francês e alemão no século XVIII, com destaques a Rousseau e Kant, expedientes que Almeida reserva às Unidades 4 e 5, respectivamente.

Por mais simples e direta, *História da Filosofia Moderna* nos entrega uma redação comprometida em explorar o debate filosófico propriamente dito, estabelecendo com os filósofos pesquisados um diálogo performático. No item sobre Spinoza, por exemplo, o leitor se depara com a incompatibilidade entre a noção de finalidade/desejo relativa ao homem e à natureza e a concepção de Deus perfeitíssimo. No item sobre Rousseau, é instigante analisar o que o homem do estado social poderia fazer para sublevar-se contra determinadas convenções, evocando para isso um estado de natureza de que não se sabe se realmente existiu. E com a *Aufklärung* kantiana, a questão é a de como formar uma autonomia ética e cognoscitiva a partir do uso prático da razão, ou seja, uma autonomia que se orienta com postulados e não com fundamentos dogmáticos.

Como dissemos, Almeida não se atém à mera apresentação doutrinária de pensamentos e seus pensadores. Para fazer uma história da Filosofia moderna exercendo uma efetiva investigação filosófica, o acadêmico precisa mostrar que a Modernidade foi o palco onde havia

[...] um esforço coletivo e uma aspiração em busca de uma verdade de ordem universal que se manifestava de maneira determinada, resoluta, contínua e, ao mesmo tempo, centrada nos aspectos éticos e antropológicos da esfera filosófica e da cultura em geral (ALMEIDA, 2021, p. 76).

Tanto pelo foco investigado, quanto por quem a assina, *História da Filosofia Moderna* se consolida como uma obra de características especiais, que satisfazem a quem busca uma introdução fácil e ao mesmo tempo crítica do pensamento filosófico moderno. O estudo é disponibilizado em formato digital *pdf* (ISBN Digital: 978-65-84583-11-5) pela editora FASBAMPRESS, ao lado de outros títulos de um catálogo mais amplo (disponível em: <<https://fasbam.edu.br/fasbampress/index.php/home>>), do qual Almeida ainda participa com *História da Filosofia Antiga* e *História da Filosofia Medieval*, publicados também em 2021, e *História da Filosofia Contemporânea I*, lançada em 2023 (o segundo volume de *História da Filosofia Contemporânea* está em

fase de diagramação para a respectiva publicação). O acervo estará também disponível no formato impresso.

Mais do que uma simples leitura, o livro instiga a uma atmosfera de ensino, debate e aprendizagem, sem dúvida privilegiando grupos menores de estudo do que o grande público do mercado editorial. Mesmo assim, ela pode ser adquirida gratuitamente, e oferece o recurso interativo de localizar os itens das Unidades sem necessidade de rolagem, bastando apenas clicá-los no Sumário.

Finalmente, cabe mais uma vez sublinhar que a grande discussão do texto, como o autor permite depreender já na Apresentação, dá-se em torno do conceito filosófico de “modernidade”, um conceito extensamente debatido e que jamais poderia ser circunscrito nem a sua dimensão etimológica, nem a sua periodização historiográfica, por mais que alguma intersecção aconteça entre essas distintas referências.

Embora Almeida circunscreva sua investigação a biografias que viveram nos séculos XVII e XVIII, o que ele pretende é fornecer subsídios para que seus leitores tenham uma percepção e façam uma problematização mais incisiva do que seja o *modernus* – conforme a acepção pós-clássica de “atual” do latim *modo* (ABBAGNANO, 2007, p. 679) –, do que está em jogo quando recorreremos ao “moderno”, e quais são e serão as vicissitudes do projeto histórico-social que se anuncia com essa designação. Nisso há grande concordância – e evidentemente uma aproximação – com o delineamento de Alexandre Koyré (1991, p. 15):

Que são os Tempos Modernos e o pensamento moderno? Outrora, sabia-se muito bem: os Tempos Modernos começavam após o fim da Idade Média, exatamente em 1453; e o pensamento moderno começava com Bacon que, enfim, opusera ao raciocínio escolástico os direitos à experiência e à sadia razão humana. Era muito simples. Infelizmente, porém, isso é totalmente falso. A história não opera através de saltos bruscos; e as divisões nítidas em períodos e épocas só existem nos manuais escolares. Desde que se comece a examinar as coisas um pouco mais de perto, desaparecem as fronteiras que se acreditava perceber anteriormente; os contornos se desfazem [...]. Em geral, o termo “moderno” tem algum sentido? Somos sempre modernos, em qualquer época, quando pensamos mais ou menos como nossos contemporâneos e de modo um pouco diferente do dos nossos mestres [...].

Quando nos expressamos em termos de “pensamento moderno” estamos declarando que algo em nós já não vive mais, que algo já não pode mais assimilar-se ao nosso espírito da mesma forma que se presta aos manuais escolares. Se, entretanto, o termo “moderno”, como pergunta Koyré, faz algum sentido, responderíamos paradoxalmente que “sim”, não porque nos levantamos contra um passado inerte, mas porque nos reconhecemos em questões que insistem em não sucumbir ao tempo, aos interesses e aspirações dos homens.

Qualquer que seja a resposta, esta terá de ser inscrita numa atualidade qualquer, terá de ser – para todos os efeitos – moderna, e assim recriar uma modernidade que o próprio Rogério Miranda de Almeida a liberou, excetuando de seu trabalho uma seção de “considerações finais”.

Como qualquer livro que se propõe a examinar um grande período de tempo, Almeida não examina todos os pensadores tidos como modernos, empreendimento que seria impossível em quaisquer circunstâncias. Fica evidente que suas escolhas de autores se justificam a partir de uma formação filosófica rigorosa. Mais do que isto e considerando diversos outros livros do autor, trata-se de importante contribuição para os cursos de graduação em Filosofia, de pós-graduação, da mesma forma que de outros campos do conhecimento que buscam seus fundamentos na Filosofia por duas razões, quais sejam: pelo fato de o autor ter tratado dos autores em seus respectivos originais e, principalmente, pela forma de construção que se diferencia de outros textos de História da Filosofia disponíveis.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 5. ed. rev. e ampl. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ALMEIDA, Rogério Miranda de. *História da Filosofia Moderna*. Curitiba: FASBAMPRESS, 2021. Disponível em: <<https://fasbam.edu.br/fasbampress/index.php/home/catalog/view/25/23/111>>. Acesso em: 30 abr. 2023.

KOYRÉ, Alexandre. *Estudos de História do Pensamento Científico*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991.

Recebido em: 05/02/2024

Aceito em: 31/07/2024

Jacir Silvio Sanson Junior

Mestre em Filosofia e graduado em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), bacharel em Teologia pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo (UNISAL). Realiza pesquisa de doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC Campinas, linha Políticas Públicas em Educação.

 jasisaju@hotmail.com

 <http://lattes.cnpq.br/6682391852990091>

 <http://orcid.org/0000-0003-2895-5549>

Samuel Mendonça

Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC Campinas. Bolsista Produtividade em Pesquisa 1D/CNPq, Pesquisador Principal do CPTEn, Centro Paulista de Estudos da Transição Energética. Membro do Conselho Consultivo do INPE – International Network of Philosophers of Education (2024-2028).

 samuels@gmail.com

 <http://lattes.cnpq.br/6369572439782922>

 <http://orcid.org/0000-0002-2918-0952>